

A CIDADE DO VÍCIO E DA GRAÇA:

O consumo de tóxicos e entorpecentes
no Rio de Janeiro, 1890-1930.

Getúlio Nascentes da Cunha¹

Resumo:

O texto se propõe a acompanhar o crescimento do consumo de tóxicos e entorpecentes na cidade do Rio de Janeiro no início do século XX, mostrando como tal consumo passou de uma atividade marginal a uma atividade socialmente valorizada.

Abstract:

The text intends to follow the growth in drugs consumptions in Rio de Janeiro, in the early 20th century, showing that the consumption changed from an out of the law to a social accepted one.

Durante a década de 1920, o Rio de Janeiro assistiu um espantoso crescimento do uso de entorpecentes, principalmente da cocaína e da morfina, fazendo com que pela primeira vez os toxicômanos se tornassem um problema social. A polícia foi obrigada a intervir e o uso de várias substâncias foi declarado ilegal, salvo quando usada sob supervisão médica. Entretanto, a presença e o consumo de tóxicos entre os habitantes da capital era bastante anterior. Procuraremos seguir aqui algumas pistas sobre o seu consumo nos primeiros anos do século XX².

O primeiro grande relato da presença do consumo de drogas no Rio de Janeiro é, certamente, o já clássico artigo de João do Rio publicado em *A Alma Encantadora das Ruas*. Vale a pena seguir parte de sua narrativa:

Entramos de esquelha, e logo a rótula se fecha num quadro inédita. O n. 19 do beco dos Ferreiros é a visão oriental das lóbregas bodegas de Shangai. Há uma vasta sala estreita e comprida, inteiramente em trevas. A atmosfera pesada, oleosa, quase sufoca. Dois renques de mesas, com as cabeceiras coladas às paredes, estendem-se até o fundo cobertas de esteirinhas. Em cada uma dessas mesas, do lado esquerdo tremeluz a chama de uma candeia de azeite ou de álcool.

¹ Professor do Curso de História da UFG/CAC. Doutor em História pela UnB. Integrante do NIESC.

² Segundo Guido Fonseca a presença de entorpecentes em São Paulo pode ser sentida já no século XVIII. (Fonseca, 1994:11-4).

A custo, os nossos olhos acostumam-se à escuridão, acompanham a candelária de luzes até o fim, até uma alta parede encardida, e descobrem em cada mesa um cachimbo grande e um corpo amarelo, nu da cintura para cima, um corpo que se levanta assustado, contorcendo os braços moles. Há chins magros, chins gordos, de cabelo branco, de caras despeladas, chins triqueiros, com a pele cor de manga, chins cor de oca, chins com a amarelidão da cera nos cílios.

As lâmpadas tremem, esticam-se na ânsia de queimar o narcótico mortal. Ao fundo um velho idiota, com as pernas cruzadas em torno de um balde, atira com dois pauzinhos arroz à boca. O ambiente tem um cheiro inenarrável, os corpos movem-se como as larvas de um pesadelo, e essas quinze caras estúpidas, arrancadas ao bálsamo que lhes cicatriza a alma, olham-nos com o susto covarde de coolies espancados. E todos murmuram medrosamente, com os pés nus, as mãos sujas:

— Não tem dinheiro... não tem dinheiro... faz mal! (Rio, 1908:100-1)

Nessa primeira visita, mesmo com todo o horror demonstrado pelo autor, os freqüentadores estavam apenas no início do processo de entorpecimento. Saindo do beco dos Ferreiros, João do Rio e seu guia seguiram para outra *fumerie*, desta vez na Rua D. Manuel, número 72. Nessa, já estão todos em estado adiantado de imersão nos efeitos da droga e a visão se torna ainda mais lúgubre:

A intoxicação já os transforma. Um deles, a cabeça pendente, a língua roxa, as pálpebras apertadas, ronca estirado, e o seu pescoço amarelo e longo, quebrado pela ponta da mesa, mostra a papreira mole, como à espera da lâmina de uma faca. Outro, de côcoras, mastigando pedaços de massa cor de azinhavre, mostra os dentes, espumando. E há mais: um com as pernas cruzadas, lambendo o ópio líquido na ponta do cachimbo; dois outros deitados, queimando na chama das candeias as porções do sumo enervante. Estes tentam erguer-se, ao ver-nos, com um idêntico esforço, o semblante transfigurado. (Rio, 1908:104)

A visão dos usuários de ópio apresentados por João do Rio é corroborada por outro cronista do início do século. Luiz Edmundo traça um perfil bastante parecido, se não idêntico, da casa do chim Afonso, situada no número 15 do Beco dos Ferreiros, enquanto aquele havia visitado o número 19. Nas duas estão presentes a escuridão, o mau cheiro insuportável, as mesmas esteiras manchadas de suor, os mesmos corpos deitados, seminus, e em grande quantidade, os cachimbos, as lanternas de azeite. Apenas a descrição dos homens parece ganhar um contorno ainda mais repugnante, apesar da narração de Luiz Edmundo não ter os floreios dramáticos da realizada por João

do Rio:

Estão os toxicômanos, nus, da cintura para cima, sobre catres que são verdadeiros cacifos de madeira, forrados de esteirinhas cor de chocolate e manchadas de suor. São rostos cor de oca, que se desenham em meio a luz que bruxuleia, máscaras da China antiga, as hediondas máscaras mandchus dos tempos da dinastia Ming, fisionomias de desenterrados, mostrando a cova dos olhos negra, como que comida pela terra. As bocas, de onde pende o pípo dos cachimbos, são bocas aterradoras, como as dos que morrem num espasmo de sofrimento e de dor. Troncos esqueléticos, franzinos, reluzentes de suor. Quando a gente se abaixa e toca um desses corpos seminus, sente uma carne mole, que até parece que se desfaz à mais leve pressão dos nossos dedos. Alguns arfam, ofegam (...). (Edmundo, 1957:194)

O Beco dos Ferreiros aparece como o centro do consumo do ópio na cidade. Brasil Gerson, em seu livro sobre as ruas do Rio, se refere ao Beco dos Ferreiros simplesmente como “residência predileta, ainda neste século, de boa parte dos chineses do Rio, e onde à noite se tomava ópio”. (Gerson, s/d) Constituído-se num dos becos que saíam da Rua da Misericórdia, antiga região do porto do Rio de Janeiro, o Beco dos Ferreiros com suas várias *fumeries* era um aspecto que se queria esquecido.

Essa condição de “uma estranha cidade à parte”, habitada sobretudo pelos deserdados: marinheiros, soldados, prostitutas, desempregados ou subempregados, parece explicar o porque do consumo de ópio na região não ter merecido maior preocupação por parte das autoridades. Além disso, as crônicas de João do Rio e Luiz Edmundo colocavam os chineses na posição de responsáveis e quase que os únicos envolvidos no consumo de ópio.

Apesar da China ter se constituído no principal consumidor, o vício se espalhou por todo o globo. Em muitos casos seus efeitos chegaram a ser louvados. Foi o caso de Baudelaire, com seu livro *Um Comedor de Ópio*, no qual ele comenta as confissões de Thomas De Quincey, um jovem inglês que no início do século XIX havia se entregado ao consumo de ópio na Inglaterra. No livro, Baudelaire realça as qualidades positivas do ópio, principalmente se comparadas aos efeitos provocados pelo álcool:

o prazer causado pelo vinho segue um caminho ascendente, ao fim do qual começa a decair, enquanto que o efeito do ópio, uma vez criado, permanece igual durante oito ou dez horas; um é prazer agudo, enquanto o outro é crônico; aqui, um clarão; lá, um ardor igual e permanente.

E completa um pouco mais à frente:

é a parte puramente humana, muitas vezes até a parte brutal do homem que, com o auxílio do vinho, usurpa a soberania, enquanto que o comedor de ópio sente plenamente que a parte purificada de seu ser e suas afeições morais gozam do máximo de flexibilidade e, sobretudo, que sua inteligência adquire uma lucidez consoladora e sem nuvens.(Baudelaires, s/d)

Apesar da forte influência francesa nos meios intelectuais brasileiros, a boêmia literária do início do século não parece ter se utilizado do ópio(Baudelaire, s/d)³, permanecendo o álcool como o principal entorpecente. Entretanto, Guido Fonseca acredita que em meados do século XIX, influenciados pelos autores do chamado “mal do século”, em especial Lord Byron, teriam levado os estudantes da Faculdade de Direito aos mais diversos desregramentos, inclusive o consumo de ópio. Os exemplos apresentados pelo autor, contudo, não mostram nenhuma referência direta ao uso do ópio, sendo que o álcool é a presença mais constante.(Fonseca, 1994: 25-37)

Voltando aos nossos dois cronistas, vemos que existem entre seus depoimentos algumas diferenças que podem ser significativas e que nos dão algumas pistas sobre os fumadores de ópio da cidade. Quando João do Rio visita as *fumeries*, o clima apresentado é claramente de um ambiente proibido para eles. Para entrar, eles se utilizavam do subterfúgio de se passarem por traficantes. Os frequentadores, por seu lado, mostram-se assustados com a sua presença.(Rio, 1908:99-100)

O texto de João do Rio era fruto de uma reportagem. A primeira edição do livro é de 1908⁴, portanto, sua visita se fez pouco antes desta data. O livro de Luiz Edmundo, ao contrário, são suas memórias, o que torna mais difícil estabelecer uma data para o seu contato com os opiômanos. A primeira edição dos livros de memória de Luiz Edmundo foi realizada em 1938, mas suas lembranças podem, em sua maioria, ser localizadas no início do século. Existe sempre a possibilidade de que acontecimentos posteriores tenham afetado sua narrativa.

Quando Luiz Edmundo fala sobre as *fumeries* do Beco dos Ferreiros, ele está se referindo a uma parte da vida carioca que, pela forma assumida, nada tinha de desconhecida ou de proibida. Ao contrário, as *fumeries* se apresentam como uma parte constituinte da vida da cidade. Luiz Edmundo nos fala delas, como nos fala dos teatros,

³ Em crônica publicada na Gazeta de Notícias no dia 02 de abril de 1894. Olavo Bilac cita o livro de Baudelaire, conhecido dos literatos brasileiros. Entretanto, Bilac diz logo no início: “Pois afirmo-lhes eu, com conhecimento de causa, que a embriaguez do ópio não tem nenhum dos encantos que lhe atribui Baudelaire...”, e passa a narrar sua experiência para concluir: “Mas aconselho-lhes que não experimentem. Demais, sabem quem tem razão? É Balzac, que, apesar de fazer parte de um clube de bebedores de haxixe, nunca bebeu a droga, porque (dizia ele) o homem que voluntariamente se despoja do mais belo atributo humano – a vontade – deve ser, na escala animal, colocado abaixo do caramujo e da lesma...” (Bilac, 1996: 31-7)

⁴ João do Rio tinha por hábito transformar em livro as reportagens que haviam sido publicadas anteriormente nos jornais. Fazia-o sempre pouco tempo depois para aproveitar ainda o impacto das notícias.

dos bares, dos morros, das pessoas. E é com a mesma naturalidade que ele entra na casa do chim Afonso⁵, sem precisar fingir ser qualquer outra coisa. Não há resistência à sua presença, “o homem [o porteiro] jamais pergunta ao visitante ao que vai, porque na casa nada mais existe senão cachimbos com ópio e catres para dormir”.(Edmundo, 1957:193) A presença aqui também é predominantemente chinesa, não há dúvidas, “na maioria chins como o Afonso” nos diz o autor, deixando assim clara a presença de outros elementos.

Em 1907, o jornal *O País* publicou uma notícia sem destaque (*O País*, 02 jun. 1907, p.3), relatava o crescente consumo do ópio em várias partes do mundo, principalmente em países do Extremo Oriente e da chegada da droga na Europa por intermédio de marinheiros. A reportagem seguia falando da preparação da droga e, principalmente, dos meios de combater o vício e dos estragos que ele provocaria não apenas no indivíduo, mas na sociedade como um todo. Não há, entretanto, qualquer referência à presença de fumadores de ópio no Brasil. Esse era um problema que começava a ganhar corpo em várias partes do mundo⁶, se propagando a partir do Extremo Oriente, mas que no Brasil e no Rio de Janeiro ainda não tinha sido percebido. Quando o amigo de João do Rio lhe fala da presença do ópio na cidade sua resposta foi de surpresa, “Mas aqui!”.

A estranheza revelada pelo cronista sugere que nesse momento o ópio deveria estar realmente restrito quase que unicamente à população chinesa, que deve ter trazido o vício quando de sua imigração.

Entretanto, a freqüência às *fumeries* do Beco dos Ferreiros não ficou por muito tempo como uma exclusividade dos chineses. Aos poucos outros membros da sociedade carioca foram aderindo ao vício, transformando o Beco numa parte integrante das noites do Rio de Janeiro e da sua vida.

Mas, se ópio não era, no início do século XX, uma droga já utilizada por parte da alta sociedade do Distrito Federal, outras drogas o eram. Em 1897, o poeta Figueiredo Pimentel, que mais tarde ficaria famoso com a sua coluna “O Binóculo”, na *Gazeta de Notícias*, elaborou em poema, um elogio à morfina:

Morfina (Ao Dr. Afonso Vianna)

⁵ Note-se que ele se utiliza do nome do responsável pela casa, demonstrando uma certa familiaridade com o lugar.

⁶ Certamente a presença do ópio na Europa era anterior à data da publicação da reportagem em *O País*. No texto de De Quincey, comentado por Baudelaire, seu primeiro contato com a droga foi em 1804. Eugen Weber, em *França Em-de-Siècle*, aponta as décadas de 1840 e 1850 como as de introdução do vício naquele país. Em 1907, quando é publicada a notícia, o problema estava na verdade ganhando uma dimensão mundial. Neste mesmo ano, os Estados Unidos lançaram um apelo para que se fizesse uma Conferência Internacional sobre o ópio. Esse Conferência teve lugar em Shangai, em 1909, contando com representantes da China, Estados Unidos, Império Alemão, Grã-Bretanha, França, Itália, Japão, Países Baixos, Império Austro-Húngaro, Persia, Portugal, Rússia e SIAM. In: Hoijer, 1925: 29).

*Homens maus, para que tirastes dos meus braços
Essa mulher que, um dia, os seus braços me abriu?
Que é q'importava que fosse de ferro os laços
E prostituta fosse a que me seduziu?*

*Ela era má: eu sei. Ela me assassinava
Dia a dia, a sorrir. Entre stas carícias;
Q'importava, porém, se, contente, eu achava
Nos seus beijos sem fim as maiores delícias?*

*Quando ela penetrava em meu ser, em meu sangue
Eu saía da Terra, em demanda do Céu,
Vivendo sem viver, inerte, exausto, langue...
Era rei; só então deixava de ser réu!*

*Tinha-a dentro de mim, pelas veias correndo,
Fazendo-me sonbar n'um imenso delírio
E, por toda uma noite, eu vivia esquecendo
A minha dor sem fim, o meu cruel martírio...*

*Homens maus, para que tirastes dos meus braços
Essa mulher que, um dia, os seus braços me abriu?
Que é q'importava que fosse de ferro os laços
E prostituta fosse a que me seduziu? (O Paiz, 04 fev. 1897, p.1)*

A presença de tal poema nesse momento pode ter sido causado pela influência francesa entre os escritores brasileiros, já que na França a morfina havia se tornado um vício há já alguns anos.⁷ A utilização da morfina no final do século XIX, não foi, contudo, um hábito largamente difundido. Não encontramos outros relatos de sua utilização para essa época. Da mesma forma, Guido Fonseca coloca 1907 como a data do primeiro incidente com morfina em São Paulo. Naquele ano, um estrangeiro, Hermann Rosembaun, hospedado no Hotel D'Oeste, teria tentado se matar utilizando a droga. (Fonseca, 1994:46)

Dois anos depois, em 1909, é novamente em João do Rio que encontramos nova referência aos vícios da cidade. A história se passa num trem de subúrbio, às onze horas da noite. Um homem conta a outro o seu vício, espetar mulheres com alfinetes. Para justificar seu comportamento diz ao companheiro de viagem:

(...) Lembras-te da Jeanne Dambreuil quando se picava com morfina? Lembras-te do João Guedes quando nos convidava para

⁷ "A morfina chegou com, a guerra em 1870, quando foi usada contra o dor. Muitos veteranos tornaram-se viciados. Circulos elegantes logo a adotaram. Romancistas escreviam sobre ela. Damas da sociedade reuniam-se para trocar injeções. Joalheiros tinham um próspero comércio de seringas de prata banhadas a ouro ou folheadas de ouro. Alexandre Dumas Filho, chegou a dizer que: "A morfina é o absinto das mulheres". Em 1892 ela já se tomara *uma praga*." (Weber, 1988: 46)

fumeries d'ópio? Sabiam ambos que acabavam a vida e não podiam resistir. (...) (Rio, 1910:03)

Apesar da curta menção feita à morfina e ao ópio, ela é bastante reveladora. Em primeiro lugar, confirma a utilização das *fumeries* de ópio não apenas por chineses, mas também por outros grupos. Em segundo lugar, e mais importante: apesar de não ser explicitado no texto, Jeanne Dambreuil era certamente uma prostituta, uma *cocotte*, o que se deduz tanto pelo nome francês, como por ser conhecida de ambos. Já estava presente nesse momento, portanto, uma ligação que será bastante acentuada mais tarde como veremos, da prostituição com o uso de entorpecentes. Por outro lado, o conto parece trazer como fundo a extrema difusão de diferentes vícios na sociedade.⁴

Em romance publicado em 1911, Afrânio Peixoto fez uma curta menção ao uso da morfina. Quase no final de *A Esfinge*, Carlos, um jovem escultor e personagem principal da trama, sofre outra decepção ao ser preterido por Lúcia, sua prima, e por quem ele se mostrou apaixonado desde que voltou ao Rio de Janeiro, três anos antes. Ao surpreendê-la com Maya, um seu amigo, Carlos sai andando, torturado pelo ciúme e pela frustração. Escreve Afrânio Peixoto “pensou [Carlos] na profanação de uma orgia... jogo, mulheres, *champagne*, morfina...”. Entretanto, Carlos não era um mundano como os amigos de sua roda, “não sabia nem entrar no *High-Life*” (Peixoto, s/d:463), não podia, assim, usar dos remédios que a sociedade colocava à disposição para esses momentos. Fica claro, portanto, a presença da morfina nas rodas mais elegantes da cidade e, possivelmente, de uma forma até certo ponto aberta, já que feita num clube de jogo, o *High-Life*.

Além do ópio e da morfina, dentre esses vícios estava presente, também, a utilização do éter. Este deveria estar presente em maior quantidade e era considerado um vício aristocrático, e tido como de menor risco. Isto é o que nos diz o guia de João do Rio às *fumeries*, logo na abertura da narrativa:

- Sim, dizia-me o amigo com quem eu estava, o éter é um vício que nos evola, um vício de aristocracia. Eu conheço outros mais brutais, - o ópio, o desespero do ópio. (Rio, 1908:98)

A utilização do éter crescia durante o Carnaval, quando era usado na forma de lança perfumes, mas não se limitava a ele, como fica claro em vários artigos publicados no início da década de 1910 na *Careta*, criticando a presença cada vez maior de odores de éter na cidade:

⁴ Essa visão da presença quase que onipresente de uma forma ou outra de vícios também pode ser encontrada no texto de Júlia Lopes de Almeida chamado, “Os vícios deles...”. Aqui, encontramos quatro amigas conversando sobre os vícios dos maridos. Cada uma possuía o seu, tratava-se de descobrir qual seria o pior: o tabaco, o jogo, o vinho e as mulheres. (Almeida, 1910).

O confete, depois do Carnaval, ainda nos persegue por 2, 3, 4 e às vezes, seis meses(...)

Este ano ao confete veio se reunir uma outra recordação: o éter, o enjoativo e impertinente éter que nos ficou no olfato e que por vezes, inesperadamente, sentimos, como se perto de nós tivessem desenvolvido um frasco desse volátil! (Fon, Fon, anoV, n.10, 11 mar. 1911)

A cada dia o problema tomava dimensões maiores, e pela primeira vez como um grave desafio às autoridades. Em 1913, o jornal *A Noite*, publicou uma série de reportagens denunciando a facilidade de se conseguir todo tipo de entorpecentes nas farmácias da cidade, o que forçou uma ação da polícia. Tal ação se tornava então ainda mais urgente em razão de um novo uso dado às drogas, o suicídio. ("A venda franca de venenos". *Careta*, ano VI, n.259, 17 mai. 1913)

Há muito tempo o Rio de Janeiro vinha convivendo com uma onda de suicídios, onde os casos se apresentavam quase que diariamente nos jornais. Os meios utilizados eram os mais variados e, em geral, a opção se fazia pela ingestão de alguma coisa tóxica⁹, vindo em seguida a utilização de armas de fogo.

Os efeitos mortais de drogas como a morfina e a cocaína parecem ter sido descobertos pelos suicidas cariocas em 1912. Os casos de utilização dessas drogas repentinamente aumentaram. Apenas no mês de agosto daquele ano quatro pessoas tentaram pôr fim à vida se utilizando de uma dessas substâncias (*Jornal do Brasil*, dias 02, 03 e 13 de agosto de 1912).

A reportagem de *A Noite* não conseguiu diminuir a venda e, conseqüentemente, a utilização desses produtos nos suicídios que ocorriam no Rio de Janeiro. No ano seguinte a *Careta* publicou a seguinte anedota:

Ele – O amor, minha senhora, leva o homem ao suicídio. Eu reconheço que sucumbirei ingerindo morfina.

Ela – Eu direi depois: Tratava-se de um amor-finado. (Careta, ano VII, n. 323, 29 ago. 1914).

Se nesse momento a cocaína e a morfina tinham na sociedade carioca o papel de arma privilegiada para aqueles que queriam pôr fim à própria existência, isso não deve ser interpretado como um sinal de que seu uso como entorpecente tivesse desaparecido ou diminuído. Ao contrário, o consumo certamente se manteve e se preparava para atingir seu ponto mais alto.

⁹ Entre os anos de 1908 e 1912 foram registrados 1716 casos de suicídio na cidade do Rio de Janeiro, sendo 519 fatais e 1197 não fatais. Do total de casos, 848 ou 49,42% foram por envenenamento e 314 ou 18,3% utilizaram armas de fogo. (Lima, 1913 :17-20)

Em livro publicado em 1919, Benjamim Costallat ainda situava “o éter, o ópio, a cocaína, [para] o esquecimento de uma mulher”. (Costallat, 1919:120) Naquele momento, o consumo dessas substâncias tinha atingido um ponto em que se tornara um problema social e o seu uso não parou de crescer, tornando-se um “vício elegante”, adotado largamente, principalmente pelas classes mais elevadas. Mesmo sendo ainda usado por todas as classes sociais, para a elite seu consumo toma um novo sentido, passando mesmo a ser valorizado.

Em 1924, Ribeiro Couto publicou um livro escrito entre os anos de 1921 e 1922, *A Cidade do Vício e da Graça (vagabundagem pelo Rio noturno)*. O livro deveria ter como subtítulo, segundo o próprio autor escreveu no prefácio, “Aspectos do Rio de Janeiro noturno, meses antes da comemoração do Primeiro Centenário da Independência do Brasil”(Couto, 1998:11). É realmente isto de que se trata, de um retrato de diferentes aspectos das noites do Rio, onde, na verdade, apenas um capítulo trata do vício dos entorpecentes. O texto se desenvolve com o autor atuando como cicerone de um jovem recém-chegado da província, mostrando-lhe sua vida noturna. No último capítulo do livro, eles estavam na barca voltando de Niterói, e viam a cidade se aproximando:

- Cidade do pecado inocente! A natureza ali é tão sensual que insinua nos homens e nas mulheres o pensamento constante da efemeridade da vida. O pecado é uma perversa sugestão ambiente. O amor se respira a todas as horas, está espalhado por todas as coisas. Tudo parece dizer: “Apenas o amor é bom. Eu te aconselho o amor...” A mulher de saboroso corpo a quem, na rua, o teu secreto desejo sorri, não está tão longe da tua mão como pensas... Ousa! A cidade o quer...

Ficamos silenciosos. Vamos silenciosos o resto da viagem. Está perto a cidade. Já se detalham os edifícios, as árvores da Praça 15. Parece que muito tempo andamos longe e que a cidade agora nos acolhe em festa.

- É a cidade do amor... Eu digo: do amor. Entendes? Não julgues que o meu pensamento pousa nas mulheres comerciais... Eu digo: o amor. Compreendes que são as possibilidades encantadoras que podemos ler em todos os olhos, no ritmo de todos os corpos que florescem na cidade... Se soubesses! A felicidade é um bem que se atinge aqui... Porque a cidade é inocente no seu instinto de pecado...(Couto, 1998:71-2)

A visão de Ribeiro Couto era a de que a cidade levava aqueles que procuravam vivê-la até à vertigem. Era como se ela permitisse, a quem procurasse, todas as possibilidades de amor. Como se ela exacerbasse todos os desejos, todos os prazeres, todos os vícios. Como se a vida tivesse de ser vivida de um único jato, quase que sem respirar. Como nos diz Ribeiro Couto, era como se a cidade mandasse que todos ousassem, experimentassem todas as alternativas, e isso em um

momento em que estas não paravam de crescer.

Nessa vertigem em que se tornava a vida de muitas pessoas, o crescimento da utilização de entorpecentes parece ter seguido a mesma dinâmica. A cidade assistiu o desenvolvimento do consumo de não um, mas de todos os entorpecentes ao mesmo tempo:

O Rio, como todas as grandes cidades, já é, hoje, um imenso centro de viciados elegantes. O bairro dos chineses (r. da Misericórdia e adjacências) é bem conhecido de toda a gente. Em miserios antros, onde nunca brilha um raio de sol, úmidos e frios, sobre estrados, que são camas e caixotes vazios, sobre mesas, os fumadores de ópio, rostos cavados, macilentos, olhos mortos, quebrados pelo vício, raquíticos, esqueléticos, bochechas flácidas, chupam, desesperadamente, os seus cachimbos. E, chupando sempre, pouco a pouco vão caindo num verdadeiro estado de indiferença, perdendo a noção de sua individualidade, num abatimento e numa prostração que os inibem do menor esforço. Depois, insensivelmente caem na prostração de um sono profundo. O corpo tombado, em qualquer posição, mostrando, num relevo doloroso, as formas esqueléticas; outro, mais pobre, se aproxima, ávido de sensações novas, a chupar o bocal do mesmo cachimbo, a experimentar as mesmas emoções.

Como carneiros batidos pela invernã, se agrupam sempre, muito juntos, muito unidos, numa solidariedade que faz pasmar os espíritos mais crédulos da sinceridade... (...)

Os cocainômanos nós os encontramos sobretudo no Catete e adjacências. Servidos pelo exército de "rápidos", tendo o centro dos fornecimentos na rua Machado de Assis, vivem às claras, mostrando, aos olhos da curiosidade, seu cortejo de misérias.

Os morfínômanos são mais raros em popularidade, porém mais comuns na alta sociedade. São mais misteriosos que os seus irmãos. Geralmente sofrem de todos os males e padecem de todas as doenças. Apenas a morfina os alenta. É um paliativo... um descanso passageiro...

Os eteromaniacos são mais raros. Talvez pela pouca comodidade ou pelo escândalo da droga, o éter tenha um menor número de adeptos.

Conquanto menos elegantes, os alcoólatras são, talvez, os mais numerosos. Desde o pobre, que estende a mão à caridade para logo depois tinir o níquel sobre o mármore do botequim, à casaca mais elegante dos hotéis de luxo, o álcool impera sob mil formas e mil cores. (Sodré, Álvaro. "Páginas da cidade". Fon-Fon, ano XVIII, n.21, 24 mai. 1924)

Segundo relatava Gilberto Amado, nos anos finais da década de 1910:

no Rio de Janeiro nunca se ostentou tanto luxo, tanta riqueza sem gosto, tanta estupidez na devassidão, tanta grosseria na falta de espírito e no espírito de prazer — quer se concluir que atravessamos um período de torpe materialidade, de ignóbil sensualidade, de falta de vergonha e pudor”. (Amado:1963:145)

Culminando num processo que havia começado com as reformas de Pereira Passos, quando nasceu o bordão “O Rio civiliza-se”, no qual civilização, como bem lembrou Wilson Martins, era sinônimo de “elegância e requinte”. (Martins, 1996: 442)¹⁰

O Rio de então tinha uma sociedade sob o impacto de rápida modernização, acelerada renovação das oportunidades, recém saída das apreensões provocadas pelo I Guerra Mundial e voltada para a busca do prazer.¹¹ Entre esses “novos” prazeres estavam a utilização dos entorpecentes, que permitia acentuar todas as sensações. Seu consumo tomava dimensões maiores entre aqueles que tinham maior disponibilidade de tempo para o lazer, os jovens das principais famílias da cidade. Não era por outra razão a preocupação dos jornais:

Nos meios alegres, ambas essas drogas [morfina e cocaína] são aqui de uso corrente; e nos hospitais, casas de saúde, laboratórios etc., não são também poucas as enfermeiras, os médicos, os assistentes, que delas se servem pessoalmente. O mal maior, porém, o mal talvez irremediável é que, ao contrário do que se dá na Europa, onde só os homens e as mulheres se dão a tal vício, entre nós é percentualmente assustador o número de jovens, quase crianças, que se picam com a agulha capilar ou aspiram, na palma da mão, os tóxicos terríficos... (“As questões palpitantes. Ópio, morfina, cocaína”. O Paiz. 19 dez. 1924, p.3)

¹⁰ W. Martins cita, em seguida, como exemplo o livro de Afrânio Peixoto, *Viol et Médunmité*, que impresso em Paris, só poderia ser considerado como ciência por ser escrito em francês, sinal de requinte intelectual.

¹¹ Nesse sentido, é bastante interessante o seguinte diálogo, escrito por Afrânio Peixoto:

Como Lisboa sorrisse, o poeta continuou, cruamente, retendo a palavra:

- É moda chinesa, como a do *mah-jong*; moda perversa, jogo complicado. Já não sabemos mais da natureza, ou do sexo: as mulheres de cabelos cortados, sem colo, fumando, de pijama, confundem-se com os rapazes sem bigode, de relógio-pulseira, unhas polidas, espartilhos, em mútua impressão equívoca e talvez repugnante: dupla inversão, pela moda...

- É a morte do amor, pela civilização, disse Lisboa. Aliás de há muito que isso se veio tramando. Com o fuma, o álcool, o ópio, a cocaína, o jogo, principalmente a dança, aquilo que era essencial, passou a ser trivial, a “bagatela”, hoje em dia raro e burguês prazer. O amor físico, o amor-sensação, é proletário. É o que menos se faz na sociedade. Porque não há mais tempo. Banhos de mar, massagens, ginásticas, pedicura, manicura, cortes e ondulações no cabelo, vestir-se para cada um dos ritos sociais, missa esporte, *essayage*, jazz, *footing*, flerte, chá, jantar, recepção, jogo, teatro... tudo demanda tanto tempo, que ainda a automóvel, matando de passagem os peões, não há mais azo para o amor, seja qual for... adúltero, venal, conjugal, qualquer deles, pois os parceiros, ainda que o queiram, não acham ocasião. O quarto de dormir, quarto separado para mais certa tranquilidade, nas poucas horas de repouso, é apenas refúgio indispensável ao mínimo do sono, para recomeçar a mesma luta, no dia seguinte. Civilização, quem o diria, que havias de trazer a castidade?

Perversidade é antes o nome... arriscou o Navarro, em voz baixa, vendo entretida a esposa com o Vilhena. — O amor passa de moda ou de tempo, mas ficam os sucedâneos... O nu dos vestidos, as excitações do flerte, os paraísos artificiais da morfina, da cocaína e do éter, e, sobretudo os atritos e contatos da dança, turbilhão sensual musicado e coletivo. Houve uma evolução do prazer: íntimo, profundo, secreto, apenas para cada par, mudou-se em superficial, exterior, público, de todos os pares... Fez-se o mistério bacanal...” (Peixoto 1, s/d: 169-170)

Benjamim Costallat, um dos principais cronistas da vida do Rio de Janeiro na década de 1920, confirma essa penetração do vício entre “os filhos das melhores e das mais tradicionais famílias”. Eram nas *garçonnières* desses jovens que as drogas se instalavam. Em meio da decoração em estilo oriental, numa mistura de oriente médio e extremo oriente, era sempre encontrado o “cachimbo chinês, o cachimbo de ébano, o cachimbo trágico e fatal, onde a bolazinha de ópio incandescente se transforma em fumaça e em sonho... Se não é o ópio, é um dos seus companheiros de morte de ilusão - éter, cocaína, morfina!”(Costallat, 1924:110-1)

A presença dos entorpecentes nas *garçonnières* levanta também a questão da ligação entre erotismo e entorpecentes. Esses espaços eram essencialmente utilizados como locais de encontros amorosos pelos homens de melhor poder aquisitivo. A presença constante de tóxicos nos leva a pensar no seu papel enquanto fetiche ou estimulante sexual. No conto “A aventura de Rosendo Moura”, de João do Rio, Rosendo tenta salvar Corina da perseguição de seu amante que ameaçava matá-la. Ela lhe contou a razão de sua fuga:

Há três anos suporto as torturas de um monstro. Tudo quanto ganho é dele. Quando vou ao club toma-me o dinheiro. Depois fecha o quarto todo, abre vários frascos d'éter, põe-me inteiramente nua, prende-me os cabelos à gaveta da cômoda, e goza naquela atmosfera desvairante, gotejando sobre mim éter. Oh! Não imagina! Não imagina! Cada gota que cai dá-me um arrepio. Ao cabo de certo tempo é uma sensação de queimadura de gelo até à sensibilidade... (Rio, 1995:58)

No mesmo livro, no conto “Cleópatra”, o relacionamento entre Raul Guimarães e Miss Glayds Fire, também não dispensava a utilização de estimulantes. Um amante anterior de Glayds havia morrido de uma overdose de morfina. Com Raul Guimarães “ela era canina, com um apetite de amor canino. E inofensiva. Trazia às vezes um revólver ou pretendia fazê-lo tomar ópio”(Rio, 1995:109-110), mesmo que não chegasse a fazê-lo. Havia ainda a aumentar a relação entorpecentes/erotismo, a ligação que se fazia entre tóxicos e prostituição.¹²

A utilização desses alcalóides era, para esses jovens, sinal de modernidade, de civilização¹³, num momento em que era *chic* ser um pouco *out-sider*. Não estranha, portanto, o louvor feito em várias partes ao seu consumo.

A preocupação com o consumo generalizado de entorpecentes começara em meados da década de 1910, quando foi publicado a

¹² Em estudo publicado em 1924, os doutores Aduato Botelho e Pernambuco Filho afirmaram que cerca de dois terços das prostitutas do Rio de Janeiro faziam uso de cocaína.

¹³ “Afinal, a polícia e os jornais têm um certo orgulho de que haja ‘uma casa de ópio’ na cidade. Principalmente assim com ar lóbrego. Damos ao estrangeiro, que saiba do segredo, a impressão de uma civilização, com todos os vícios.”(Couto, s/d: 62)

série de reportagens em *A Noite*. No final da década, o consumo estava consolidado e já como um problema social, tanto que pela primeira vez a polícia foi obrigada a intervir. A polícia procurou nesse momento controlar a venda, que era abertamente feita nas farmácias, já que os produtos éter, morfina, cocaína e ópio eram utilizados como medicamentos. A imprensa da época não considerou essa forma de tentar controlar o vício como capaz de produzir os efeitos necessários. (*Careta*, ano XI, n.506, 02 mar. 1918)

O jornal *O Paiz* publicou em outubro de 1919 um artigo onde reclama da ação da polícia, que segundo o autor carecia de continuidade. O delegado do 5º Distrito Policial, havia acabado de prender os chineses Lein e Leck, responsáveis pela *fumerie* do n. 29 do Beco dos Ferreiros (o mesmo citado por Luiz Edmundo, que, no entanto, se refere ao dono como Afonso). A grande preocupação do repórter era com a continuidade da ação policial e o medo de que ocorresse apenas uma transferência do local de venda do ópio. (“As campanhas policiais”. *O Paiz*, 20 out. 1919, p.6)

O artigo publicado numa segunda-feira parece ter tido resposta imediata pela polícia, que determinou a proibição da venda de drogas, exceto àqueles que apresentassem receita médica. A eficácia da medida também foi questionada, como podemos perceber por ilustração publicada pela *Careta*, no sábado da mesma semana. Nela via-se o chefe de polícia colando à porta de uma farmácia o seguinte cartaz “É proibido vender cocaína, morfina etc. etc.”. Do lado estava um guarda municipal desligado, sobre o qual se vê uma tabuleta “Farmácia Flor do Vício. Fornecedora dos Clubes do Rio”. (“Sua Excelência fez o mesmo”. *Careta*, ano XII, n.592, 25 out. 1919)

No início de 1921, novamente o jornal *O Paiz* perguntava, quem saberia para onde teriam ido os chineses expulsos de suas casas naquela operação da polícia¹⁴. E isso porque o descuido da polícia e das autoridades sanitárias em não acompanhar as ações seguintes daqueles que antes comercializavam o ópio havia permitido que eles continuassem a exercer seu ofício, atendendo seus antigos clientes em casa, onde entravam disfarçados de peixeiros, quitandeiros e vendedores de guloseimas. Com o tempo, percebendo que a ação da polícia não era constante, voltaram a abrir suas *fumeries*. Agora, entretanto, nas “modernas *fumeries* há tóxicos para todos os paladares: morfina, cocaína, éter etc.” (“O comércio de narcóticos”. *O Paiz*, 16 efv. 1921, p.3)

Não era de estranhar, portanto, que ainda naquele ano a polícia fizesse uma apreensão de duas latas e quatro potes de ópio, na mesma casa n. 29, do Beco dos Ferreiros, onde, segundo a polícia, cerca de 50 pessoas iriam todos os dias fumar. (*O Paiz*, 04 mar. 1921, p.5)

Nesse momento, entretanto, a luta contra o excessivo consumo de éter, ópio, cocaína e morfina estava ganhando uma dimensão cada

¹⁴ Uma pista talvez possa ser encontrada no romance *Prata de Ipanema*, de Théo-Filho. Nele um chinês mantém sua *fumerie* no novo bairro após ter sido expulso da rua da Misericórdia.

vez mais internacional, havendo pressão para que o Brasil adotasse medidas efetivas para controlar a venda daqueles produtos.¹⁵ Meios que seriam criados com as mudanças nos regulamentos sanitários aplicados à venda de produtos considerados como entorpecentes.

Através do Decreto n. 4294, de 6 de julho de 1921, o governo brasileiro estabeleceu que aqueles que vendessem ou ministrassem “substâncias venenosas” sem seguir as determinações dos regulamentos sanitários sujeitavam-se a multas que variavam de 500\$ a 1:000\$000. Estabelecia ainda que no caso da “substância venenosa” ter qualidade entorpecente como o ópio e a cocaína, e seus derivados, o contraventor ficava passível de prisão celular por um a quatro anos. (Decreto n. 4294, fr 06/07/1921, art. 1º)

Alguns meses depois foi editado o novo regulamento sobre a entrada daquelas substâncias no país. A partir de então, elas só poderiam entrar no Brasil com licença do Departamento Nacional de Saúde por intermédio da Inspetoria de Fiscalização do Exercício da Medicina, Farmácia, Arte Dentária e Obstetria, que deveria manter um livro de registro das licenças concedidas. Na comercialização interna também deveria estar registrada, em livro, toda a movimentação dessas substâncias, visando impedir a sua venda indiscriminada. (Decreto n. 14969 de 23/09/1921, art. 1º ao 8º) Dispondo de meios legais mais eficazes, a polícia durante algum tempo procurou estabelecer um cerco aos traficantes, realizando algumas prisões como a de Sebastião Costa, de 21 anos, detido no momento em que tentava vender um frasco de cocaína para Marina dos Santos. (*O Paiz*, 12 abr., 1922, p.5)

Parte da imprensa não duvidava em comentar essas medidas como pouco frutíferas, já que acreditava na existência de forte corrupção em setores da polícia:

- *Vamos tomar cocaína?*
- *Onde? Já procurei em várias drogarias e não encontrei.*
- *Não soubestes procurar. A polícia tem apreendido várias partidas e está vendendo por metade do preço. Vamos no depósito da rua da Relação.* (*Careta*, ano XV, n. 728, 13 jun. 1922)

O vício era de difícil combate, já que localizado sobretudo pelos membros da elite carioca, ciosa de seus interesses e de seus privilégios. Por isso, as campanhas policiais parecem ter seguido ciclos que acompanhavam pressões de setores que eram contrários à utilização dos tóxicos. Nesses momentos, a polícia procurava atacar mais diretamente o problema, para, assim que as exigências quanto à sua

¹⁵ Segundo Lená Medeiro de Menezes “o comércio e o consumo de entorpecentes tornaram-se delitos por imposição do tratado de Versalhes”. (Menezes: 1996:148, nota 11). A Sociedade das Nações, em 1921, propôs alterar os dispositivos da Convenção de Haia, fazendo com que os países adotassem um certificado de importação e exportação do ópio, a fim de combater o contrabando e assegurar a diminuição da produção. Em 1924-5, ocorreria em Genebra a Primeira Convenção do Ópio. (Hojjer, 1925: 46-8).

ação se dissipassem, não mais ter na repressão ao tráfico uma prioridade. E, segundo artigo da *Careta*, mesmo nos momentos de maior pressão, os atingidos eram, em geral, os pequenos traficantes de rua, não sendo atingidos “os laboratórios e farmácias que fabricam o precioso tóxico [cocaina]” (*Careta*, ano XVI, .786, 14 jul. 1923).

A mesma nota da *Careta* emendava: “nem mesmo os literatos e elegantes que nos livros e nos salões cantam a delícia da cocaina nas doçuras refinadas da vida moderna”, eram perturbados. E, de fato, assim acontecia. Um exemplo disso foi a publicação do livro de poemas do Álvaro Moreyra, cujo título *Cocaina* (1924), não causou surpresa à sociedade carioca¹⁶. Nem mesmo no teatro, onde a censura estabelecida era mais forte e onde não deveria ser permitida “a representação de peças que, por sugestão ou ensinamento, possam induzir alguém à prática de crimes ou contenham apologia destes” (Decreto n. 1429, de 9/12/1920, art. 39), a polícia demonstrava uma preocupação maior com o combate aos entorpecentes. Bastos Tigre fez representar uma revista cujo nome era “Sonho de Ópio”, e, logo na primeira cena da peça *Adão e Eva e outros membros da família*, de Álvaro Moreyra, encontramos o seguinte diálogo:

OUTRO (*Quarenta anos. Antipático. Roupa de linho branco. Cisma, sentado num banco. Tem entre dedos, apagada, uma ponta de cigarro. Quando vai sugá-la, procura fósforos. Não os encontra. Atira a ponta longe, com brutalidade*)

MULHER (*Pequeno chapéu de feltro verde. Vestido simples, mas elegante. Surge, não se sabe de onde. Traz um ar de susto e de vício. Ao ver OUTRO, pára, indecisa. Depois, devagar, vai ter com ele. Pergunta-lhe*): O senhor é da polícia?

OUTRO: Não!

MULHER: O senhor não é da polícia?

O: Não !!

M: Logo vi.

O: Que foi que viu?

M: Que o senhor não era da polícia.

O: Por que perguntou?

M: Perguntei...

O: Por que?

M: Por nada... Por falar...

O: (*levanta-se*): Por que perguntou?

M (*senta-se*): Eu queria poesia...

O: Hein?!

M: Um tiquinho... assim...

¹⁶ Olegário Marianno publicou no mesmo ano o seu livro de crônica mundana em versos, *Ba-ta-clan*. No poema “Sociedade”, temos os seguintes versos: “Parou um pouco a orquestra. Fez-se calma./O silêncio invadiu a sala inteira./Nahir Werneck murmurou com alma/A Cocaina de Álvaro Moreyra.” (Marianno, 1924: 35). O que parece atestar a popularidade alcançada pela obra.

O: *Diga o que é que queria...*

M: *Não tem cocaína?*

O: *Cocaína?!*

M: *Então eu não sei?... Um homem sentado num jardim, a esta hora, ou é da polícia, ou vende Cristina... Dê, sim? Pago de qualquer jeito. Uma casquinha só...*

O (*torna a sentar-se*): *Não se envenene.*

M: *Dá?*

O: *Não tenbo.*

M: *E em casa?*

O: *Não tenbo!*

M: *Vendeu tudo! Não sobrou nem um papelzinho?... Não faz mal que seja misturado. Não conto a ninguém. A ninguém. Juro pela minha felicidade!*

O: *Pense noutra coisa. Vá tomar um café. É melhor ir dormir.*

M: *Oh! Por que vendeu tudo?*

O: *Não vendi nada! Nunca vendi cocaína!*

M: *Nunca!*

O: *Nunca!*

A venda de cocaína aparece nesse trecho da peça de forma bastante natural, não merecendo qualquer observação por parte da censura. Aqui, como no caso do jogo, a perseguição se fazia quase que exclusivamente às classes mais baixas, deixando-se que as classes altas seguissem desfrutando da possibilidade de “sonhar”.

O crescimento do consumo se fazia não apenas na quantidade, mas na diversidade. Em uma de suas crônicas semanais publicadas aos domingos, Chrysanthème apontava para o uso não apenas da cocaína e da morfina, mas “até da digitalina”. (“A semana”. *O Paiz*, 19 set, 1926, p.5)

Da mesma forma, o jornal *O Paiz* registrou o reaparecimento, em 1927, no Rio de Janeiro, do vício do ópio. Dizia a reportagem:

*No Rio, além dos cocainômanos, morfínômanos, eterômanos, etc., temos a registrar o aparecimento de uma nova classe de viciados, de não menos gravidade patológica: os fumadores de ópio. Uma fumerie de ópio acaba, por exemplo, de ser descoberta pela polícia nos fundos de um restaurante chinês situado à rua Visconde de Itaipua. Vários indivíduos foram presos em estado de evidente embriaguez opiácea. (“A campanha contra os toxicômanos e os seus aspectos deste momento”. *O Paiz*, 07 abr. 1927, p.3)*

Estranha o fato de que uma droga, que desde o início do século estava presente na cidade, inclusive com prisões realizadas pela polícia, seja tida como uma novidade, já no final da década de vinte. Uma possível explicação porém, talvez seja encontrada no fato de que o ópio tinha abandonado a região escusa e degradada da rua da

Misericórdia, freqüentada pela população dos excluídos, para instalar-se numa rua da zona sul, a Rua Visconde de Itaúna, no Jardim Botânico.

A descoberta e o fechamento da *jumerie* da Rua Visconde de Itaúna resultou de um crescimento do esforço da polícia no combate ao comércio de entorpecentes. Em agosto de 1926, o Chefe de Polícia do DF, Dr. Carlos Costa, deflagrou uma nova onda de combate ao uso de tóxicos, num esforço que reunia não apenas a polícia, mas também juristas, médicos e farmacêuticos. Naquele mesmo ano, a polícia conseguiu prender e abrir processo contra dezesseis pessoas acusadas da venda ilegal de cocaína, na forma da Lei n. 4294, de 1921. (Relatório do Chefe de Polícia do Distrito Federal. In: *Relatório Do Ministro da Justiça e Negócios Interiores - 1926*. RJ: Imprensa Nacional, 1927, p. 122) O empenho geral tinha razão de ser, afinal, eram os "melhores membros" da sociedade que estavam sendo destruídos:

Mais do que pelo enfraquecimento físico, produzido na absorção dos alcalóides, a toxicomania deve a todos alarmar e interessar no seu combate, à vista da redução intelectual que determina e do desmoraonamento moral, com que ameaça principalmente as chamadas elites da sociedade, viciando-as, inutilizando-as para quaisquer misteres, mais que isso, tornando-as perigosas no convívio da sociedade, em face dos atos de que são capazes os seus melhores ornamentos, uma vez atuados pela ação irresponsabilizadora da cocaína, da morfina, do ópio etc. etc. ("Repressão ao uso de tóxicos". O *Puíz*, 11 ago.1926, p.5)

A tentativa do Dr. Carlos Costa de uma ação conjunta tinha razão: a polícia não conseguia reprimir adequadamente o comércio daquelas substâncias em vista do contrabando, da convivência de médicos e farmacêuticos e da impossibilidade de ação contra os viciados. Estes foram apontados pelo chefe de polícia como os maiores propagadores do mal, fosse pelo seu número, fosse pelo louvor que faziam às vantagens do uso dos entorpecentes. A polícia queria agora eles, independentemente da vontade da família os viciados pudessem ser internados para tratamento, isolando-os da sociedade e impedindo dessa maneira a propagação do vício. Entretanto, a lei que autorizava essa internação tramitava lentamente no Senado, fazendo com que o Chefe de Polícia reclamasse no seu relatório para o ano de 1927:

O desenvolvimento da ação repressiva contra a toxicomania e, sobretudo, contra o tráfico das substâncias venenosas, demonstra que a infiltração deste vício encontra facilidade na deficiência das leis aplicáveis ao assunto, como em meios de fiscalização que escapam à alçada da polícia, quando não lhe dificultam e estorvam as diligências preventivas (Relatório do Chefe de Polícia do Distrito Federal. In: *Relatório do Ministro da Justiça e Negócios Interiores*. 1927. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1929m p.169).

Em 1929, o Chefe de Polícia, Dr. Coriolano de Goés Filho, em seu relatório, ressaltava os resultados obtidos pela campanha iniciada pelo Dr. Carlos Costa. Entretanto, apontava uma série de dificuldades encontradas pela polícia, que "lutou contra a falta de elementos, que se faz notar na exigüidade do pessoal e na deficiência, tanto de uma legislação adaptada à finalidade da campanha, como de instalações hospitalares especiais para viciados". Deixava claro, assim, que os entorpecentes faziam ainda parte da rotina da cidade.

Referências Bibliográficas:

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Elles e Ellas*. RJ: Francisco Alves & Cia, 1910.

AMADO, Gilberto. *Três Livros. A chave de Salomão e outros escritos; Grão de areia e estudos brasileiros; A dança sobre o abismo*. RJ: Livraria José Olympio Ed., 1963

BAUDELAIRE, Charles. *Um Comedor de Ópio*. Roma: D.E.L. Int. Publishers, s/d.

BILAC, Olavo. *Vossa Insolência. Crônicas*. SP: Cia das Letras, 1996

BOTELHO, Dr. Adauto e Dr. Pernambuco Filho. *Vícios Sociais Elegantes (cocaína, éter, diamba, ópio e seus derivados, etc.)*. RJ: Livraria Francisco Alves, 1924.

COSTALLAT, Benjamim. *A Luz Vermelha*. RJ: N. Viggiani Editor, 1919

_____. *Fitas...* RJ: Benjamim Costallat & Miccolis Editores, 1924

COUTO, Ribeiro. *A Cidade do Vício e da Graça*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do RJ, 1998

EDMUNDO, Luiz. *O Rio de Janeiro do Meu Tempo*. 1º vol. RJ: Conquista, 1957

FONSECA, Guido. *O Submundo dos Tóxicos em São Paulo (séculos XI-III, XIX e XX)*. SP: Ed. Resenha Tributária, 1994

GERSON, Brasil. *História das Ruas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Prefeitura do DF/Sec. Geral de Ed. E Cultura, s/d.

HOIJER, Olof. *Le Trafic de L'Opium et D'Autres Stupéfiants*. Paris: Editions Spes, 1925

LIMA, Dr. Hermeto. *O Suicídio no Rio de Janeiro*. RJ: Imprensa Nacional, 1913 (Biblioteca do Boletim Policial –XIII)

MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira*. Vol. V. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 1996

MARIANNO, Olegario – *Ba-ta-clan*., RJ: Benjamim Costallat & Miccolis Editores, 1924

MENEZES, Lená Medeiro de. *Os Indesejáveis: desclassificados da modernidade*. RJ: Editora da UERJ, 1996

MOREYRA, Álvaro. *Cocaina...* RJ: Pimenta de Mello & C., 1924

_____. *Adão, Eva e outros membros da família* (peça em 4 atos). RJ: Serviço Nacional de Teatro/MEC, 1973

PEIXOTO, Afrânio – *As Razões do Coração*. 7ª ed. RJ: SMC/DEDIC/DE, 1994

PEIXOTO, Afrânio. *A Esfinge*. 3ª ed. RJ: Francisco Alves, 1913.

RIO, João do. *A Alma Encantadora das Ruas*. RJ: Garnier, 1908

_____. *Dentro da Noite*., RJ/Paris: Garnier, 1910.

_____. *A Mulher e os Espelhos*. RJ: Secretaria Municipal de Cultura, 1995

WEBER, Eugen. *França Fin-de-Siècle*. SP: Cia das Letras, 1988